

**50 anos do assassinato de Aída Curi – o fotojornalismo
fazendo escola na revista O Cruzeiro**

Leandra Francischett - Mestre em História Social (UFF)
Revista *O Cruzeiro*; Fotojornalismo; Mulheres
ST 39 - Corporalidade na mídia

Apresentação

As mulheres eram notícias, nos anos 1950, principalmente pela beleza, pelo talento no mundo artístico, pelos cuidados com a família, por ocupar cargos até então de domínio masculino e também em casos de violência. Exemplo disso foi o brutal assassinato da jovem Aída Curi, que ganhou destaque em várias edições da revista e é objeto de estudo deste artigo. Na noite de 14 de julho de 1958, Aída Curi, 18 anos, foi jogada de um prédio de 12 andares em Copacabana, no Rio de Janeiro, iniciando um caso que, passados 50 anos, não foi solucionado.

Os editores de *O Cruzeiro* destacavam que este era um veículo objetivo e imparcial, mas os textos revelam outra realidade, como a cobertura deste caso. Ao afirmar que a revista tentou sim influenciar na decisão do conselho, surge a contradição entre as declarações de que seguia os critérios da objetividade e imparcialidade jornalísticas. A revista demonstra a preocupação de estar a frente, superando as características do próprio jornalismo de revista, que prevê mais tempo para produção das matérias, uma vez que busca a novidade e também a agilidade da finalização das matérias, como é habitual dos jornais impressos. Em jornalismo velocidade é vantagem, embora no jornalismo de revista essa regra não seja tão ortodoxa.

Um assunto tido como “das últimas horas” foi sobre Cácio Murilo, um dos implicados na morte de Aída Curi, que fugiu em Belo Horizonte para jogar sinuca, inclusive com uma foto-legenda do acusado. Conforme Peregrino (1991), *O Cruzeiro* concentrou um grande poder, disseminando assuntos polêmicos, com ampla repercussão popular, através da divulgação de diversas reportagens sobre o mesmo tema no decorrer das edições. Alguns fotógrafos, como Jean Manzon, estimulavam o sensacionalismo, através da exploração de momentos chocantes. As fotos sensacionalistas exploram aspectos incomuns, já que um acontecimento revelado pela primeira vez ao leitor cria um grande interesse jornalístico. Além disso, os editores apresentavam fascínio por esse gênero de fotografias, a ponto de destinar a elas grandes espaços na publicação. Um exemplo disso são as fotos sobre o assassinato de Aída Curi. A moça aparece caída, toda ensangüentada, com os olhos entreabertos e as roupas rasgadas.

Neste caso, que teve grande repercussão nacional, *O Cruzeiro* destinou muitas páginas ao desdobramento do fato. O jornalista David Nasser chegou a ter uma briga pessoal com os envolvidos no crime. Em 21 de março de 1959 há apenas uma manchete: “David Nasser enfrenta o padroeiro dos tarados” e a matéria tem como título: “Ronaldo, absolvido pelo facilitário” (*O CRUZEIRO*, 21 de março de 1959, p. 4-14). Há 20 fotos de Indalécio Wanderley e o texto é de David Nasser, que ironiza a postura do juiz Souza Netto e confirma assumir maior agressividade em suas matérias, através da mudança de linguagem, do uso de expressões mais fortes e aparente desrespeito a uma função nobre que é a de juiz. A partir da observação das matérias, o caso Aída Curi demonstra o descaso e o abuso contra a mulher. Conforme a reportagem, criminalistas julgam a sentença errada sob todos os pontos de vista jurídicos e apresenta quatro fotos como indícios do crime: lenço manchado de sangue e peças de roupas dilaceradas.

Em 28 de março de 1959, nas páginas 14 e 15, a direção de *O Cruzeiro* parabeniza Nasser pelo trabalho realizado. Seu artigo, publicado nas páginas 41 e 42, foi a principal chamada de capa. Conforme a direção, ao anular a sentença do juiz Souza Netto e ao determinar que os acusados da morte de Aída Curi voltem à prisão, o Conselho de Justiça pôs fim à campanha de *O Cruzeiro*, dirigida por seu redator principal, David Nasser, “não contra um homem, não contra um juiz, não contra a Justiça, mas contra uma sentença que debilitava os próprios fundamentos da sociedade”. Foram 21 dias de protesto, tanto nos periódicos impressos, radiofônicos e televisivos, com os programas *Preto no Branco*, de David Nasser, da TV Rio, e *Fim da Noite*, da TV Tupi, que transformaram o assunto num caso nacional. O público aguardava que a sentença fosse revogada, como de fato o foi, já que uma ordem de prisão persegue os réus.

A revista informa que o artigo de Nasser “Resposta ao pequeno canalha” já estava composto quando o Conselho de Justiça revogou a sentença do juiz Souza Netto, que concedia liberdade a Ronaldo e ao porteiro, com a ordem de prisão encaminhada para a polícia. “Lugar de criminoso é na cadeia. Está restabelecido o prestígio da magistratura brasileira. Quanto ao juiz Souza Netto, tem saído armado de casa. Se ele usa o revólver como usa a caneta, não há perigo. O tiro vai sempre pela culatra” (*O CRUZEIRO*, 28 de março de 1959, p. 43).

Na edição seguinte, a principal chamada de capa é: “David Nasser volta à carga: ‘-Querem libertar os tarados!’”. Em 10 páginas há 13 fotos, sendo que uma delas mostra Aída morta, caída no chão, toda ensanguentada. Uma das legendas informa: “O corpo de Aída Cúri está moralmente insepulto. Essa pobre menina, esbofeteada, rasgada e, por fim, assassinada pelo Sindicato da ‘Curra’, serve, depois de morta, como uma bandeira de luta contra os meninos ricos que matam alegremente, certos da impunidade” (*O CRUZEIRO*, 2 de maio de 1959, p. 4-13, p. 8).

Curra é uma denominação popular para uma modalidade de crime sexual na qual dois ou mais homens abusam sexualmente de uma mulher, tornando-a ainda mais indefesa ante às

agressões. “(...) figuram nessa trama sinistra vários “filhinhos e sobrinhos de papai”, que fazem parte da famigerada juventude transviada de Copacabana, que dança “rock and roll”, veste camisa vermelha, masca chiclete e usa “blue-jeans” (O CRUZEIRO, 26 de julho de 1958, p. 33). O Brasil é marcado por vários crimes deste tipo na década de 1950, quando vigorava uma rígida moral sexual. Conforme Curi (2008), a violência sexual era prática frequente na Zona Sul do Rio, motivados pela inércia da Polícia e pela impunidade, caso fossem presos.

Ainda na reportagem em questão, uma foto mostra a mãe de Aída beijando a mão do cardeal: “O cardeal Jaime Câmara recebe a mãe de Aída, em presença do advogado José Valadão, e lhe diz da pureza da sua menina, de quem era conselheiro espiritual” (O CRUZEIRO, 2 de maio de 1959, p. 11). Há uma certa santificação de Aída, até pelo fato de ela ter morrido virgem, o que leva a deduzir sua relutância em ceder às carícias dos assassinos. Há uma valorização do mito virgindade-pureza.

A reportagem enfatiza que a magistratura brasileira não deve alegar desprestígio na campanha movida por *O Cruzeiro* contra o impronunciamento dos acusados deste crime. “Não tentamos negar que desejávamos influir tanto quanto possível, interpretando simplesmente a opinião pública, da qual o jornalista é o termômetro ultra-sensível – na modificação do ato que nos parecia, na melhor das hipóteses, fruto do cochilo técnico de quem o praticara” (O CRUZEIRO, 2 de maio de 1959, p. 6 e 7). A revista também não se preocupou em dissimular seu objetivo de exercer pressão sobre o tribunal, mostrando que a sociedade não estava anestesiada e indiferente aos fatos.

“David Nasser: resposta ao pequeno juiz, respeito à mãe do acusado, justiça para a mãe de Aída” é uma das chamadas de capa da edição de 9 de maio de 1959. Há 14 fotos distribuídas em 12 páginas, sendo que a maioria é sobre as mães dos envolvidos no caso, com o título: “David Nasser: os morcegos também são anjos”. O texto de abertura da fotorreportagem destaca que as mães também são vítimas, porque para elas os filhos são sempre inocentes. As páginas 6 e 7 apresentam seqüências de fotos de Cacilda, mãe de Cássio, e Jamila, mãe de Aída. Fala-se também de Abigail, mãe de Ronaldo Guilherme de Souza Castro: “Via-se que era uma pobre senhora, sem a menor parcela de culpa na tragédia, defendendo com a veemência sincera o filho, procurando convencer a platéia invisível que a ouvia, a platéia que nós lhe havíamos dado, por dever da imparcialidade.” (O CRUZEIRO, 9 de maio de 1959, p. 8).

A revista registra novamente o objetivo de mostrar-se imparcial. Na verdade, o interesse é com a repercussão do assunto, até mesmo porque o texto está em 1ª pessoa do plural, o que já demonstra parcialidade. Algumas vezes, a revista apresenta um artigo opinativo como se fosse uma reportagem. Neste caso, por exemplo, a mãe de Ronaldo é absolvida, enquanto o pai é tido como culpado, por ter falado mal de Aída e, principalmente, por questionar sua “pureza”, já que esta era a única honra de uma família pobre. Outro exemplo é o emprego da frase: “(...) como dói a dor em

nossa carne” (O CRUZEIRO, 9 de maio de 1959, p. 8). David Nasser remete aos bons costumes, quando destaca que Aída morreu virgem. Assim, ainda que suas palavras fossem revestidas de todos os matizes de revolta, elas seriam inexpressivas para descrever o que pensa sobre os matadores de Aída e sobre as “três mães que a fatalidade pôs em torno desse bailado de desgraças e misérias, como se fossem extras de um espetáculo cruel” (O CRUZEIRO, 9 de maio de 1959, p. 12).

Em 16 de maio de 1959, a revista aborda novamente o caso: “David Nasser: Eles só matam meninas”, com 13 fotos, páginas 4-12. Apresentam-se fotos com evidências de que a moça realmente foi assassinada e não se suicidou, como é a versão apresentada pelos advogados de defesa. A autópsia revelou ferimentos nos lábios, em função da bofetada de Ronaldo, confirmada por ele mesmo. Além disso, Ronaldo confessou, em juízo, ter rasgado as vestes de Aída. “Resistiu a infeliz moça, nas mãos de Ronaldo, Cássio e o porteiro. Morreu. Os três estavam lá. E agora?” (O CRUZEIRO, 16 de maio de 1959, p.6). Outros indícios são os ferimentos puntiformes e em semicírculo no rosto, cujo diâmetro coincide com do anel do porteiro. Mas tudo isso foi desprezado pelo júri.

A foto mais chocante é de Aída morta, largada no chão, toda ensangüentada e a indagação: Os livros caíram bem junto ao corpo ou foram postos lá? Seria difícil Aída, exausta da agressão, pular o parapeito de 1,6 m com os livros na mão. “Ou foram jogados lá de cima por seus assassinos? Só o Júri poderia encontrar a verdade, na apreciação rigorosa de todas as provas.” (O CRUZEIRO, 16 de maio de 1959, p.6).

A reportagem demonstra que muitas das provas foram plantadas pelos próprios assassinos, para dificultar a resolução deste caso e nega a tese do suicídio. “Não se mataria de vergonha quem permanecera virgem” (O CRUZEIRO, 16 de maio de 1959, p. 6). Assim, hipótese mais lógica é que tenha ficado em tal estado de fraqueza, que não teria forças. Na seqüência da reportagem, o pai de Ronaldo procura desmoralizar Aída e sugere que a moça tenha subido ao terraço “em busca de amor”. Já a revista acredita que ela tenha morrido “para se conservar pura – e pura se constatou na autópsia” e, ainda que ela fosse uma “mulher da vida”, não justificaria a conduta dos rapazes.

O Cruzeiro procurou seguir os passos dos acusados. Um texto-legenda informa sobre a foto de Cácio Murilo, um dos implicados na morte de Aída Cúri, que chegou à Escola Técnica de Belo Horizonte acompanhado de um general. “Ficou no internato (que é privativo de alunos) e fez provas em sala separada. Entre as provas de português e matemática, fugiu para jogar sinuca. Foi reprovado no concurso. Em sinuca tirou nota dez” (O CRUZEIRO, 5 de março de 1960, p. 3).

Uma matéria de Nasser: “O revólver do Edgard [pai de Ronaldo] – folheado a ouro, mas não atira sozinho”, demonstra a perseguição a este jornalista, que estava cobrindo os desdobramentos sobre a morte da moça. A matéria apresenta algumas alternativas para superar a acusação de assassinato. Afirma-se que falsas testemunhas, chantagens, manobras dos advogados de defesa e

ameaças de morte não serão suficientes para afastar a reportagem da linha traçada, que é o julgamento daqueles que mataram Aída. Nasser ressalta que, uma vez cumprida a pena, Ronaldo voltará para casa. Por outro lado, Dona Jamila sabe que a sua filha não voltará, por isso a revista permanece divulgando o andamento do processo, tendo como objetivo a punição dos culpados. A matéria “Ronaldo me disse que empurrou Aída” destaca o depoimento de Waldir Neves Ferreira, que dividiu a mesma cela com Ronaldo, preso em 22 de janeiro de 1959 e solto em 13 de fevereiro de 1959, conforme sentença do juiz Souza Netto.

Em 26 de março de 1960, retoma o assunto: “O Cruzeiro, num grande esforço, conseguiu fotografar vários detalhes do ultra-secreto segundo julgamento de Ronaldo Castro. A revista, de máquinas rodando, não deixou seus leitores na mão” (O CRUZEIRO, 26 de março de 1960, p. 3). A revista, apesar da proibição, conseguiu fotografar o segundo júri de Ronaldo Guilherme e por isso interrompeu a impressão inicial, para incluir tais fotos. “(...) aceitando o desafio à capacidade profissional de sua equipe, fotografou os momentos iniciais da reunião que, pela sua importância para família brasileira, deveria constituir-se um ato público. E isso foi feito porque não havia razão suficiente para a proibição (O CRUZEIRO, 26 de março de 1960, p. 3).

A reportagem “As hienas sexuais estão soltas” é uma manifestação de Nasser sobre a absolvição de Ronaldo e do porteiro Antônio João. Mesmo estando de férias em uma fazenda, ele não deixou de escrever sua indignação e fazer votos que “a próxima vítima não seja a filha de um dos jurados inconscientes ou vendidos” (O CRUZEIRO, 28 de maio de 1960, p. 28). Nasser comenta os processos criminais contra ele e destaca que a absolvição do crime de homicídio prova que a instituição do Júri é vulnerável.

Para Nasser, a cruzada contra a impunidade não cessou e, para isso, tentará novos julgamentos e irá esclarecer a opinião pública sobre as apelações. Desta vez, quem vai julgar é o desembargador, que conhece o processo, os réus e os seus “patronos camuflados”. Nasser conclui que a família, ao recorrer à justiça, nada pode esperar. “As hienas sexuais estão soltas. Não desejo que a próxima vítima seja a filha de um dos jurados. De qualquer forma, enquanto estiver vivo, mesmo preso, continuarei a luta.” (O CRUZEIRO, 28 de maio de 1960, p.28).

Este assassinato demonstra o ambiente social do Rio de Janeiro nos anos 1950, que inclusive contou com a influência dos filmes violentos do cinema norte-americano, como “O Selvagem”, com Marlon Brando, e “Juventude Transviada”, com James Dean. A sociedade esperava maior ação da polícia. “As famílias da zona sul estavam praticamente desamparadas. Duas ou três semanas antes da morte de Aída, um mendigo tinha morrido em Copacabana... Para tornar mais dramático ainda o quadro social, a droga já se instalara em Copacabana” (CURI, 3 de abril de 2008). Esse texto faz parte de um artigo escrito por Maurício Curi, Monsenhor e irmão da vítima, divulgado dia 14 de julho de 2006, no Cairo (Egito). Tal artigo discute o fato criminoso a partir da versão da família de

Aída e com base nos Autos do Processo e nas informações obtidas pelo autor. A matéria sobre o caso do mendigo incendiado, que Maurício Curi menciona, foi publicada dia 26 de julho de 1958, ou seja, 12 dias depois da morte de Aída.

Considerações

A revista *O Cruzeiro* modificou seu projeto gráfico em função da concorrência com os demais veículos de comunicação impressos e principalmente por causa da chegada da televisão no Brasil. A revista foi modelo para os demais impressos, tanto pela diagramação quanto pela produção das fotos. A morte de Aída Curi foi amplamente divulgada pela revista, principalmente através de fotos. Mesmo sem a elucidação completa do fato, jornalistas como David Nasser se empenharam em publicar o máximo possível de provas que confirmem o assassinato. Da mesma forma que em 1958, mendigos continuam sendo queimados ainda hoje, mas com menos ênfase na imprensa.

A exemplo de 50 anos atrás, o assassinato da menina Isabella Nardoni, 5 anos, jogada do 6º andar, causa comoção e grande repercussão na mídia. Este foi o principal assunto tratado pelos veículos nas semanas seguintes à sua morte, em 29 de março de 2008. A divulgação do assunto diminuiu após a prisão do pai e da madrasta da menina, acusados pelo crime. Assuntos como esses dão margem ao sensacionalismo, uma vez que os crimes rendem boas matérias.

Referências

CURI, Maurício. “*O caso Aída Curi – versão da família*” in

<http://www.egliseimmaculee.com/casoaidacuri.htm>. Acesso em 3 de abril de 2008.

PEREGRINO, Nadja. *O Cruzeiro: a revolução da fotorreportagem*. Rio de Janeiro: Dazibao, 1991.

REVISTA O CRUZEIRO: 26 de julho de 1958.

REVISTA O CRUZEIRO, 2 de maio de 1959.

REVISTA O CRUZEIRO, 9 de maio de 1959.

REVISTA O CRUZEIRO: 16 de maio de 1959.

REVISTA O CRUZEIRO: 21 de março de 1959.

REVISTA O CRUZEIRO: 28 de março de 1959.

REVISTA O CRUZEIRO: 5 de março de 1960.

REVISTA O CRUZEIRO: 26 de março de 1960.

REVISTA O CRUZEIRO: 28 de maio de 1960.